

IDEAU

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PERSPECTIVAS
SOCIOINTERACIONISTAS NA SALA DE AULA: UM OLHAR
DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA AS VOZES, OS CORPOS E AS
IMAGENS**

**HERITAGE EDUCATION AND SOCIOINTERACTIONIST
PERSPECTIVES IN THE CLASSROOM: A DIDACTIC-
PEDAGOGICAL LOOK AT VOICES, BODIES AND IMAGES**

**LA EDUCACIÓN PATRIMONIAL Y LAS PERSPECTIVAS
SOCIOINTERACCIONISTAS EN EL AULA: UNA MIRADA
DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA SOBRE VOCES, CUERPOS E
IMÁGENES**

Carla Adriane Rodrigues Botelho

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil.

E-mail: carlaadrianeb@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5459-5877>

Carlos Roberto Wensing Ferreira

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar,
Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil.

E-mail: carloswensing@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7748-5435>

Cláudia Gadelha Alves

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar,
Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil.

E-mail: claudiagadelha2501@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2959-8124>

Fabiano Sales de Aguiar

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar,
Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Nova-Mamoré, Rondônia, Brasil.

E-mail: fabiano.aguiar@unir.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1892-8857>

Submitted on: 11.10.2024 | Accepted on: 11.25.2024 | Published on: 11.27.2024

José Flávio da Paz

Pós-Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, Universidade Federal do Amazonas (PPGECH – UFAM), Humaitá, Amazonas, Brasil. E-mail: jfp1971@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>

RESUMO

A preservação e valorização do patrimônio cultural são aspectos fundamentais para a construção de uma identidade coletiva e o fortalecimento do senso de pertencimento à comunidade. Nesse contexto, a educação patrimonial surge como uma abordagem pedagógica que visa promover o entendimento e a valorização do patrimônio cultural, ao mesmo tempo, em que estimula o diálogo e a participação dos cidadãos na sua preservação e promoção. Logo, a integração das perspectivas sociointeracionistas amplia essa abordagem, valorizando as vozes, os corpos e as imagens que compõem a paisagem urbana. São objetivos deste artigo analisar a concepção de educação patrimonial e perspectivas sociointeracionistas no contexto escolar; identificar práticas pedagógicas que promovam a educação patrimonial e as perspectivas sociointeracionistas na sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental; e, avaliar o impacto dessas práticas na construção da consciência patrimonial e identitária dos discentes. Será utilizada uma abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica, objetivando investigar as concepções teóricas sobre educação patrimonial, perspectivas sociointeracionistas e suas aplicações na prática pedagógica dos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, sustentada pelos pensamentos de Grunberg (2007), Horta, Grunberg e Monteiro (1999), IPHAN (2024), (Melo, Souza e Barbosa, (2022), Siviero (2015), Vygotsky (1998 e 2000) entre outros que investigam questões relacionadas ao patrimônio cultural, memória e identidade, cognição e aprendizagem, especialmente no contexto local. Esperamos contribuir para a compreensão da importância da Educação Patrimonial, à luz das perspectivas sociointeracionistas, na formação de uma consciência crítica e identitária nos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Aula-Passeio. Instrumento Didático-Pedagógico. Formação Docente. Educação Patrimonial. Interculturalidade.

ABSTRACT

The preservation and appreciation of cultural heritage are fundamental aspects for the construction of a collective identity and the strengthening of the sense of belonging to the community. In this context, heritage education emerges as a pedagogical approach that aims to promote the understanding and appreciation of cultural heritage, while at the same time encouraging dialogue and the participation of citizens in its preservation and promotion. Therefore, the integration of socio-interactionist perspectives broadens this approach, valuing the voices, bodies and images that make up the urban landscape. The objectives of this article are to analyze the conception of heritage education and socio-interactionist perspectives in the school context; to identify pedagogical practices

that promote heritage education and socio-interactionist perspectives in the classroom of the initial years of elementary school; and to evaluate the impact of these practices on the construction of students' heritage and identity awareness. A qualitative approach will be used, through a bibliographic review, aiming to investigate the theoretical conceptions on heritage education, socio-interactionist perspectives and their applications in the pedagogical practice of teachers in the early years of elementary school, supported by the thoughts of Grunberg (2007), Horta, Grunberg and Monteiro (1999), IPHAN (2024), (Melo, Souza and Barbosa, (2022), Siviero (2015), Vygotsky (1998 and 2000) among others who investigate issues related to cultural heritage, memory and identity, cognition and learning, especially in the local context. We hope to contribute to the understanding of the importance of Heritage Education, in light of socio-interactionist perspectives, in the formation of a critical and identity-based consciousness in students in the early years of elementary school.

Keywords: Field Trip. Didactic-Pedagogical Instrument. Teacher Training. Heritage Education. Interculturality.

RESUMEN

La preservación y valoración del patrimonio cultural son aspectos fundamentales para la construcción de una identidad colectiva y el fortalecimiento del sentido de pertenencia a la comunidad. En este contexto, la educación patrimonial surge como un enfoque pedagógico que tiene como objetivo promover la comprensión y valoración del patrimonio cultural, estimulando al mismo tiempo el diálogo y la participación ciudadana en su preservación y promoción. Por tanto, la integración de perspectivas sociointeraccionistas amplía este enfoque, valorando las voces, cuerpos e imágenes que configuran el paisaje urbano. Los objetivos de este artículo son analizar la concepción de la educación patrimonial y las perspectivas sociointeraccionistas en el contexto escolar; identificar prácticas pedagógicas que promuevan la educación patrimonial y las perspectivas sociointeraccionistas en el aula en los primeros años de la escuela primaria; y, evaluar el impacto de estas prácticas en la construcción de la conciencia patrimonial y identitaria de los estudiantes. Se utilizará un enfoque cualitativo, a través de una revisión bibliográfica, con el objetivo de investigar los conceptos teóricos sobre la educación patrimonial, las perspectivas sociointeraccionistas y sus aplicaciones en la práctica pedagógica de los docentes de los primeros años de la escuela primaria, sustentados en el pensamiento de Grunberg (2007), Horta, Grunberg y Monteiro (1999), IPHAN (2024), (Melo, Souza y Barbosa, (2022), Siviero (2015), Vygotsky (1998 y 2000) entre otros que investigan cuestiones relacionadas con el patrimonio cultural, la memoria e identidad, cognición y aprendizaje, especialmente en el contexto local. Esperamos contribuir a la comprensión de la importancia de la Educación Patrimonial, a la luz de perspectivas sociointeraccionistas, en la formación de una conciencia crítica e identitaria en los estudiantes de la educación temprana. años de escuela primaria.

Palabras clave: Clase Turística. Instrumento Didáctico-Pedagógico. Formación Docente. Educación Patrimonial. Interculturalidad.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Ela busca levar docentes, discentes e a comunidade em geral a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-as para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração contínua de novos conhecimentos.

Além disso, a Educação Patrimonial fortalece os sentimentos de identidade e cidadania, contribuindo para a preservação sustentável desses bens. (Siviero, 2015, p. 82). Seria, de maneira sintética, é um instrumento de “alfabetização cultural”, nos termos utilizados pelas pesquisadoras Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), expresso no *Guia Básico da Educação Patrimonial*, em 1999, pelo IPHAN, no qual nos permite compreender o mundo à nossa volta por meio da cultura e da história que nos cercam. “Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.” (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p. 5). Fazendo-nos

Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural. Este conceito nos permite ter uma visão mais ampla do processo histórico, reconhecendo que não existem culturas mais importantes do que outras (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p. 6).

Nesse sentido, embora tendamos a relativizar os termos, distinga-se que, segundo o Art. 216 da Constituição Federal, o patrimônio cultural é definido como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em

conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. (BRASIL.CF, 1988, s.p).

(...) São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança.

Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos etc. (Grunberg, 2007, p. 5).

Enquanto a Educação Patrimonial é uma área de estudo que busca promover a valorização e preservação do patrimônio cultural e histórico. Ela é constituída de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. (IPHAN, 2024, s.p).

Nesse sentido, a Educação Patrimonial atua como um processo de mediação, aquela proposta na perspectiva da linguagem social ou da teoria sociointeracionista apresentada por Lev Semenovitch Vygotsky (1869-1934), nas obras *Pensamento e Linguagem* (1998) e *A construção do pensamento e da linguagem* (2000), pois sociointeracionismo, enquanto proposta pedagógica apresenta uma abordagem que enfatiza a interação social e cultural como fatores essenciais para o desenvolvimento humano.

Desse modo, quando aplicado à Educação Patrimonial, desempenha um papel fundamental, no sentido de conduzir os envolvidos no processo educativo a reconhecer que o aprendizado ocorre por meio da interação com outras pessoas, com o ambiente e, portanto, com aprendizados oriundo da interação e compreensão contextual. Ou seja, no cenário da Educação Patrimonial, essa abordagem permite que os alunos se envolvam ativamente com o Patrimônio

Cultural, explorando-o em seu contexto histórico, social e cultural, obviamente, mediado por docentes e demais agentes educativos preparados para essa finalidade.

E diante do exposto, criar um espaço de aprendizado coletivo, considerando a inexistência de uma cultura melhor ou pior, menos ou mais evoluída, mas, agir com respeito às diferenças, pois, todas as culturas têm suas particularidades, valores e contribuições únicas. Não sendo, em momento algum, apropriado classificar uma cultura como “melhor” ou “pior” em relação a outra. Cada cultura desempenha um papel importante na diversidade e riqueza do nosso mundo. O respeito mútuo e a compreensão são essenciais para promover a convivência harmoniosa entre diferentes culturas. Logo, na Educação Patrimonial, todos e todas podem compartilhar conhecimentos, experiências e perspectivas, enriquecendo sua compreensão do patrimônio local e, sendo esses agentes, produtores de cultura.

Afinal, somos nós que construímos e (re)criamos sentidos e significados em nós e no nosso entorno, igualmente, agimos na comunidade escolar. O sociointeracionismo enfatiza a construção de significados por meio da interação e na Educação Patrimonial, os envolvidos no ato de educar atribuem sentidos e significados pessoais, aos lugares ou espaços individuais e coletivos aos objetos, aos monumentos e sítios históricos, criando a lógica identitária e cidadã, onde o eu-outro se confundem e se imbricam, constantemente, a cada nova situação. Na obra *Por uma sociologia do pertencimento* (2022), das pesquisadoras e docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) Iranice Geminiano de Melo, Maria Enísia Soares de Souza e Xênia de Castro Barbosa esse contexto fica claro. Afinal,

Podemos pensar o *outro* como aquele com quem nem sempre nos assemelhamos, mas que temos como representação, como aquele com quem *eu* se encontro. Embora cada um tenha a sua individualidade, pensar no *outro*, de alguma maneira é “enxergar-se”, é sentir-se um pouco fora do seu *eu*, é ser capaz do exercício da empatia. Nesse sentido, o *outro* de que se fala é uma representação. No âmbito da acepção filosófica, o *outro* não passa de alguém que *eu* mesmo crio no pensamento. Dessa forma, o *outro* sou *eu* mesmo e *eu* mesmo sou o *outro* (Melo, Souza e Barbosa, 2022, p. 43).

Nessa relação entre o *eu*, o *outro* e o *nós*, elementos de discussão presentes também na Base Nacional Comum Curricular BNCC), de 2017, o sociointeracionismo promove a formação da identidade, da cidadania, aguça a sensibilidade gerando resiliência e empatia, não restando dúvidas de que na Educação Patrimonial, ou por meio da qual, os agentes aprendentes e ensinantes poderão se conectar com suas heranças culturais, fortalecendo suas autoestimas e senso de pertencimento.

Isso, decerto, favorecerá a abertura para o diálogo e a troca de conhecimentos, dada a facilidade comunicativa entre os membros das comunidades, os educadores e os demais agentes de preservação, promovendo a valorização e proteção do patrimônio, possibilitando uma compreensão mais aprofundada e significativa do nosso passado, promovendo a preservação sustentável, a História e a valorização da cultura brasileira de maneira mais ampla.

2 INTERSEÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E SOCIOINTERACIONISMO

A sociedade contemporânea se depara com inúmeros desafios fundamentais, entre eles a preservação e a valorização do patrimônio cultural em suas múltiplas formas, ao mesmo tempo em que promove a participação ativa dos cidadãos na construção e reconstrução constante da identidade coletiva. Nesse contexto, a Educação Patrimonial surge como uma ferramenta essencial, potencializando o diálogo entre o passado e o presente, entre as diferentes vozes, corpos e imagens que compõem o tecido urbano.

Embora, a percepção das crianças, adolescentes e jovens em relação ao passado e à valorização do patrimônio histórico e cultural varie, dependendo de diversos fatores, como educação, ambiente familiar, experiências pessoais e acesso à informação, pois há muitos que acreditam na máxima de que a história conta a partir da sua existência neste mundo, quando estamos aqui apenas de passagem e o percurso temporal parece seguir uma linearidade. Há, portanto, acontecimentos e (des)construções físicas ou imaginárias continuamente,

sendo frequentemente influenciada por fatores como educação, experiências pessoais e contexto cultural.

Nesse sentido, a interseção entre a educação patrimonial e as perspectivas sociointeracionistas oferece um enfoque pedagógico que transcende a mera transmissão de conhecimento histórico e cultural, convidando os sujeitos envolvidos a se tornarem agentes ativos na interpretação e ressignificação do patrimônio material e imaterial.

Entenda-se, nesta ocasião, os conceitos que definem o patrimônio material e imaterial. Esses são conceitos relacionados à preservação e à valorização de diferentes aspectos da cultura e da história de uma sociedade. Segue uma explicação mais detalhada de cada um, como sendo o patrimônio material, aquele que se refere a bens tangíveis que têm significado cultural, histórico, arqueológico, arquitetônico, artístico ou científico. Isso inclui edifícios, monumentos, sítios arqueológicos, obras de arte, objetos históricos, entre outros.

O patrimônio material é muitas vezes preservado em museus, galerias, sítios históricos ou locais de importância cultural e histórica. A preservação do patrimônio material é importante para manter viva a história e a identidade cultural de uma sociedade, além de promover o turismo e a educação.

Concernente ao patrimônio imaterial, podemos afirmar que esse se constitui pelas práticas culturais, expressões, tradições, conhecimentos e habilidades transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade, utilizando como recurso maior, a oralidade, muitas vezes. Logo, incluem-se músicas tradicionais, danças, festivais, rituais religiosos, técnicas artesanais, contos populares, idiomas e gastronomia típica.

O patrimônio imaterial é preservado principalmente através da prática contínua e da transmissão oral ou prática de conhecimentos e tradições dentro das comunidades.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhece e promove a preservação do patrimônio imaterial por meio da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em 2003. (UNESCO, 2003)

De modo simplificado, o patrimônio material refere-se a bens tangíveis, como edifícios e artefatos, enquanto o patrimônio imaterial engloba práticas culturais, tradições e expressões transmitidas oralmente ou por meio de práticas dentro de uma comunidade. Ambos são importantes para preservar e promover a cultura e a identidade de uma sociedade, considerando ainda que podem se imbricarem, objetivando atribuir um novo sentido para um determinado feito, como exemplo, podemos citar uma iguaria tradicional da culinária amazônica, o tacacá¹ que servido em uma cuia, elemento essencial na tradição de servir o tacacá, têm em si aspectos da tradição e identidade cultural, uma vez que as cuias produzidas nessa região, apresentam-se como um produto artesanal e de conhecimento tradicional, pois sua estética e modo de produção, possivelmente, não seja o mesmo utilizado por outras regiões do Brasil.

Além disso, podemos afirmar que, a cuia é reconhecida como um símbolo cultural da Amazônia. Para os turistas e visitantes, a cuia representa uma conexão tangível com a cultura local. A experiência de consumir tacacá em uma cuia é um ritual que proporciona uma imersão na cultura amazônica, valorizando e perpetuando as tradições locais.

No que se refere ao tucupi, trata-se de um líquido fermentado e amarelado, extraído da mandioca brava (*manihot esculenta*), e tem suas origens nas práticas culinárias das populações indígenas da região amazônica. A mandioca é um alimento básico na Amazônia e a técnica de preparo do tucupi envolve processos específicos, como a ralagem e prensagem para extrair o líquido; a decantação, ocasião que, o líquido extraído é deixado para decantar, separando-se em uma parte sólida, chamada de goma e uma líquida, o tucupi em si; e a fervura e fermentação, conhecimentos que foram desenvolvidos e transmitidos ao longo de gerações, profundamente enraizada na cultura indígena dessa região.

¹ Uma espécie de caldo típico da região Norte do Brasil, especialmente popular no estado do Pará e no Amazonas. É feita com tucupi (um caldo amarelo extraído da mandioca brava), goma de tapioca, camarão seco, jambu (uma erva que provoca uma leve dormência na boca) e outros temperos. É servido quente e é uma opção muito apreciada pelos habitantes locais e também pelos turistas que visitam a região.

Logo, tucupi será categorizado como um patrimônio cultural imaterial, pois integra em si os conhecimentos tradicionais, ou seja, a produção do tucupi envolve técnicas e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Este saber-fazer é um exemplo de conhecimento tradicional indígena que continua a ser praticado e valorizado, unindo-se a ideia de práticas culturais, uma vez que o tucupi é usado em diversas receitas tradicionais da culinária amazônica, como o tacacá e o pato no tucupi duas delas, mas em quase toda iguaria, seu uso é sempre um diferencial peculiar. O preparo e o consumo desses pratos são práticas culturais significativas para as comunidades da região. E, por fim, uma expressividade cultural, considerando que o uso do tucupi em festivais, celebrações e no dia a dia reflete a identidade cultural dessas comunidades.

A união do tucupi e demais ingredientes, servido em uma cuia, gera uma interação híbrida que faz do tacacá uma iguaria típica cultural desse povo, tornando-o um produto tangível, o valor cultural associado ao seu processo de produção, uso culinário e significado dentro das tradições amazônicas o caracteriza como um patrimônio cultural material e imaterial. É a combinação dos conhecimentos, habilidades e práticas culturais em torno do tucupi e da cuia que lhe confere este status, destacando sua importância para a identidade e a herança cultural das populações da Amazônia.

Acrescente-se a essa informação a relação socioafetiva e comunicativa interacional estabelecida entre os habitantes dessa região e seus produtos. Certamente, isso também acontecerá com o acarajé, o caruru, a maniçoba, o vatapá e outras iguarias que, se consumidas em outros lugares que não o da sua origem, muito dificilmente terá o mesmo sabor e trará em si as memórias daqueles que as consomem desde as mais tenras idades.

Voltando-se aos conceitos patrimoniais e sua relação com as cidades, veremos que essas, não são reveladas apenas como um cenário estático de monumentos e edificações, mas como um espaço vivo, palco de narrativas múltiplas e dinâmicas que ao adotarmos, como educadores que somos, uma abordagem sociointeracionista, a educação patrimonial seria o reconhecimento da diversidade de vozes presentes nos lugares, valorizando os saberes locais e as memórias individuais e coletivas.

Destarte, na concepção da pesquisadora e professora argentina Maria Sabina Uríbarren, da Universidade Paulista (UNIP) que na sua aula intitulada *Patrimônio Cultural da Av. Paulista e seu território: conceitos, categorias e instrumentos*, do curso Como definir, reconhecer e preservar um patrimônio cultural? promovido pela Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, em junho de 2024 assim se expressa: o “patrimônio material se tomba² e patrimônio imaterial se registra”. Isso se considerando os documentos que, na atualidade regem o tema: Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificado pelo Brasil em 2006; Portaria nº 375, de 2018; Decreto 3.551, de 2002 e outros elaborados, a partir do IPHAN presentes no Inventário Nacional de Referência Cultural (INRC).

Desse modo, por meio de práticas educativas que privilegiam o diálogo e a colaboração, os discentes são convidados a explorar e problematizar as representações do passado presentes no espaço urbano, promovendo um exercício constante de reflexão crítica e construção de significados.

Nesse sentido, as perspectivas sociointeracionistas também destacam a importância dos corpos na construção do conhecimento e na vivência espacial. Através de experiências sensoriais e corporais, os sujeitos se apropriam do patrimônio de maneira mais significativa, desenvolvendo uma relação afetiva e identitária com os lugares que habitam.

A educação patrimonial, portanto, não se limita ao domínio intelectual, mas engloba uma dimensão emocional e sensorial essencial para a construção de uma consciência patrimonial ativa e responsável. Essa premissa se aproxima aos fundamentos da inteligência espacial, proposta pelo geógrafo e educador Celso Antunes (1937-), na obra *Inteligências múltiplas e seus jogos: inteligência espacial*, de 2006 que afirma:

A inteligência espacial, muitas vezes chamada de visuoespacial, manifesta-se pela capacidade de relacionar o espaço próprio com o espaço que nos envolve, percebendo e administrando distâncias, pontos de referência e localizando-se geograficamente, bem como revelando a capacidade em perceber diferentes objetos, eventualmente transformando-os ou combinando-os em novas

2

posições. Uma pessoa com uma boa inteligência espacial percebe o mundo visual com precisão, efetua transformações e modificações sobre as suas percepções e mostra-se capaz de recriar aspectos da experiência visual ou “pensar visualmente” mesmo na ausência de objetos (Antunes, 2006, p. 17).

Sugira feiras e exposições gastronômicas locais e das regiões favorecendo o reconhecimento dessa diversidade, seus cheiros e sabores. Uma chamada aos pais e responsáveis nessa atividade valerá à pena, considerando o processo migratório brasileiro, em especial pelos projetos de expansão populacional territorial.

Além disso, as imagens desempenham um papel central na construção e transmissão do patrimônio cultural. Seja através da iconografia urbana, das fotografias antigas ou das representações artísticas, as imagens constituem um recurso poderoso para a compreensão e interpretação do passado e do presente. Ao explorar e analisar as imagens da cidade, os discentes são convidados a desconstruir estereótipos e narrativas hegemônicas, ampliando sua percepção sobre as múltiplas identidades que coexistem no espaço urbano.

Diante desse contexto, torna-se evidente a relevância da integração entre educação patrimonial e perspectivas sociointeracionistas como uma abordagem pedagógica capaz de promover uma relação mais democrática, participativa e inclusiva com o patrimônio cultural. Ao reconhecer e valorizar as vozes, os corpos e as imagens da cidade, a educação patrimonial se consolida como um instrumento essencial para a construção de uma sociedade mais consciente, crítica e engajada na preservação e promoção da diversidade cultural.

3 FORMAR DOCENTES PARA A CIDADANIA PATRIMONIAL

Para formar docentes capazes de atender às exigências da Educação Patrimonial na sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental, é essencial proporcionar uma formação que integre teoria e prática, incentivando a reflexão crítica e a experimentação de estratégias pedagógicas inovadoras.

Objetivando a promoção dessa formação, torna-se imprescindível que possamos propiciar um currículo integrado que respeite e valorize o currículo

oculto trazido pelos discentes, futuros educadores, integrando seus conhecimentos prévios com o tema da educação patrimonial e das perspectivas sociointeracionistas ao currículo de formação de professores, destacando sua importância para o desenvolvimento de uma educação contextualizada e significativa.

Que as instituições de formação docente, seja inicial ou continuada, promova estudos de caso que apresentem exemplos concretos de práticas pedagógicas bem-sucedidas no ensino de educação patrimonial nos anos iniciais do ensino fundamental. Ofereça oportunidades para que os futuros docentes participem de experiências práticas em escolas ou comunidades locais, quilombolas, indígenas e outras, observando e colaborando com professores que já trabalham com essa temática e já possuam boas práticas no sentido de promover a inclusão das diferenças e da diversidade. Oportunizando a realização de oficinas, congressos, seminários, colóquios e workshops que abordem diferentes aspectos da educação patrimonial e das perspectivas sociointeracionistas, incluindo atividades práticas que os docentes possam replicar em suas próprias salas de aula, incluindo práticas de contação de histórias, atividades sensoriais, projetos de pesquisa e criação de materiais didático-educativos.

Ressaltando que nessa direção, a pesquisadora do IPHAN Evelina Grunberg, propõe no *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*, publicado em 2007, uma série de iniciativas que conduz a iniciativas salutares nessa temática, observando para tanto, a existência de uma metodologia própria para a efetivação da Educação Patrimonial, cujos passos devem seguidos por aqueles que pretende desenvolvê-la no cotidiano da sua sala de aula, a saber:

Observação

Nesta etapa, usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.

Registro

Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.

Exploração

Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.

Apropriação

Recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc.), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado.

Os resultados da aplicação desta metodologia desenvolvem atividades que levam os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância e valorização do nosso Patrimônio Cultural (Grunberg, 2007, p. 6).

Essa compreensão metodológica, possibilita criar espaços de discussão e reflexão sobre os desafios e possibilidades de a educação patrimonial acontecer de maneira significativa nos anos iniciais do ensino fundamental. Devendo provocar os futuros docentes a compartilharem suas ideias, experiências e preocupações, e estimule a busca por soluções criativas e inovadoras, oferecendo programas de formação continuada para professores em exercício, atualizando-os para trabalhar com a temática de forma eficaz e atualizada.

Objetivando a efetivação dessa metodologia é interessante estabelecer parcerias com instituições culturais, museus, órgãos governamentais e organizações da sociedade civil que atuam na área da educação patrimonial. Essas parcerias podem oferecer recursos, materiais didáticos, atividades práticas e oportunidades de capacitação para os docentes, favorecendo a implementação de processos de avaliação formativa que permitam acompanhar o desenvolvimento dos futuros docentes em relação à educação patrimonial e às perspectivas sociointeracionistas, oferecendo *feedbacks* construtivos e orientações para o aprimoramento de suas práticas pedagógicas.

Ao adotar essas estratégias de formação, é possível fomentar e instigar nos docentes o desejo pela aprendizagem e pelo anseio de conhecer a

conhecer, para compreender, valorizar e implementar a educação patrimonial em suas salas de aula, contribuindo para uma educação mais contextualizada, inclusiva e significativa para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

4 PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS QUE PODEM AJUDAR

Para abordar o tema da Educação Patrimonial nos anos iniciais do ensino fundamental, é importante adotar práticas pedagógicas que sejam adequadas ao nível de desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, mas de modo mais genérico, pela construção da árvore genealógica dos discentes, induzindo aos questionamentos que permeiam as gerações anteriores e sua devida importância para a atual.

Ainda na perspectiva de Grunberg (2007, p. 5):

Este exercício trará a compreensão de que o Patrimônio é um conceito que está muito mais perto da gente do que pensamos. Qual é nosso Patrimônio?

Atividades como desenhos, trabalhos com barro, ou materiais reciclados poderão fixar estes conhecimentos. Desenhar numa folha de papel o nosso corpo, a nossa cara etc., poderá, ao mesmo tempo, se tornar uma atividade lúdica e reflexiva. Como nos vemos? Como nós aceitamos? Como queremos que os outros nos vejam?

Na sequência, deve-se explorar o entorno escolar, incentivando os alunos a explorarem o entorno escolar, identificando elementos do patrimônio cultural local, como o nome do patrono ou patrona da escola, os nomes das ruas, prédios históricos, monumentos, placas comemorativas, entre outros. Para tanto, seria interessante realizar caminhadas guiadas pela região para observar e discutir esses elementos, bem como, entrevistar moradores mais antigos da vizinhança da escola e da comunidade em geral onde está localizada.

Outras boas iniciativas é a promoção de sessões de contação de histórias que abordem aspectos da história e cultura oral locais, se possível, utilizando-se de poetas e escritores, cantores, repentistas e outros da comunidade e que possam fazer uma visita à escola para uma aproximação efetiva entre leitores e agentes literários; e convite a moradores idosos da comunidade para

compartilhar suas memórias, histórias de vida e experiências, enriquecendo o repertório dos alunos e valorizando as diferentes vozes presentes na comunidade. Afinal,

A história não é algo que ensina o homem sobre o passado, para que ele não erre no presente e possa garantir um futuro. A história dentro dessa concepção se resume a um código de regras para o bem viver. Porém ela é muito mais complexa e abrangente. A história é constituída de acordo com a concepção epistemológica de cada época, de avanços, retrocessos, conflitos, acordos, mudanças e permanências. A história compreende no mínimo três dimensões: o vivido (as relações humanas), o representado (a história escrita) e o interpretado (as formas de compreensão de um mesmo fato histórico. Por sua vez, o tempo histórico não se desenvolve de forma cronologicamente linear partindo de um estado de caos para o estado da civilização e do progresso. A história é constituída de avanços, retrocessos, mudanças e permanências, tempos esses vivenciados entre homens de maneiras diferentes em diferentes espaços geográficos (Santos, 2002, p. 16).

Ainda podemos sugerir, a realize atividades artísticas inspiradas no patrimônio cultural da região, como pintura, desenho, modelagem e colagem. Os alunos podem criar obras de arte que representem elementos significativos da cidade, expressando suas próprias interpretações e sentimentos.

A escola, por meio dos seus agentes, pode organizar passeios-pedagógicos com a finalidade de visitação a museus, espaç os e centros culturais diversos e exposições, sendo possível, visite-os previamente e oriente seus discentes com informações sobre as exposições e estimule a observação atenta durante a visita.

O docente pode propor atividades de registro fotográfico e audiovisual dos elementos do patrimônio cultural da cidade. Os discentes podem utilizar câmeras ou dispositivos móveis para registrar monumentos, prédios históricos, manifestações culturais e outras expressões do patrimônio local.

Promova a escrita científica e/ou literária, a pesquisa e a investigação, dividindo os alunos em grupos e proponha projetos de pesquisa sobre aspectos específicos do patrimônio cultural da região. Eles podem investigar a história de um prédio histórico, o perfil de uma moradora local, o significado de uma manifestação cultural tradicional, o nome da rua que moram ou a biografia de uma personalidade local.

Criação de mapas e roteiros culturais também são boas iniciativas. Diante dessas, desafie os discentes a criarem mapas e roteiros culturais da cidade, destacando os principais pontos de interesse histórico e cultural. Eles podem incluir informações sobre a história, arquitetura, tradições e curiosidades de cada local. Juntos com eles, organize debates e rodas de conversa, nos quais falem sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e o papel dos cidadãos na sua valorização e conservação. Estimule os alunos a compartilharem suas opiniões, experiências e ideias para a promoção do patrimônio local. Lembrando-se que “a inovação é sempre inspirada por outras realidades, mas é construída no interior de um trabalho feito por nós, com os nossos recursos” (Nóvoa, 2017, p. 11).

Ou seja, a inovação muitas vezes surge da observação e da adaptação de ideias e soluções existentes, mas é verdadeiramente construída através do esforço e da criatividade das pessoas envolvidas no desejo de transformações individuais e coletivas. É, portanto, uma combinação de inspiração e trabalho árduo, no qual somos corresponsáveis e tenhamos o desejo de que nossos discentes somem nesse percurso existencial.

Dessa maneira, proponha para sua turma atividades que estimulem seus sentidos, como observação de texturas de materiais de construção, escuta de sons da cidade ou degustação de alimentos típicos locais. Essas experiências sensoriais ajudam a construir uma conexão afetiva com o patrimônio cultural, igualmente, a ludicidade dos jogos e brincadeiras populares e educativos que abordem temas relacionados ao patrimônio cultural, como quebra-cabeças de monumentos famosos, jogos de memória com imagens da cidade ou caças ao tesouro que levem os alunos a descobrir locais históricos.

Monte projetos colaborativos em grupo nos quais os alunos possam trabalhar juntos para criar apresentações, maquetes ou murais que representem o patrimônio cultural da cidade. Essa abordagem incentiva a cooperação, a comunicação e o respeito pelas diferentes perspectivas, negociando possíveis diferenças e respeito à diversidade existente na sala de aula, espaço comum desses (des)encontros.

Ao implementar essas práticas pedagógicas, os professores podem proporcionar aos alunos uma experiência rica e significativa de aprendizado, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial desde os primeiros anos escolares. O objetivo é cultivar não apenas o conhecimento histórico, mas também o senso de pertencimento e responsabilidade em relação ao patrimônio cultural da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Patrimonial é uma abordagem educativa que busca promover a valorização e a preservação do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial. A metodologia adotada por essa vertente da educação envolve uma série de estratégias e práticas que visam engajar os alunos com seu patrimônio cultural e histórico, tornando o ensino e a aprendizagem eficientes e eficazes, reconhecendo que, em muitas situações, sequer se reconhecem membros resultantes de uma cultura e produtora dela.

Portanto, cabe aos agentes educacionais escolares, em especial, conduzir os discentes a devida identificação e contextualização do patrimônio por meio de inventário e pesquisa, no qual discentes devem ser incentivados a participar de inventários e pesquisas sobre o patrimônio local. Isso pode incluir visitas a museus, sítios históricos, e entrevistas com membros da comunidade. Para isso, a formação inicial e continuada dos docentes e dos demais agentes educacionais devem ser uma constante e podem ocorrer por meio de parcerias com organizações com ou sem fins lucrativos, desde que o foco seja o aprendizado e o desenvolvimento do discente., destacando a importante de situar o patrimônio no seu contexto histórico e cultural, ajudando os discentes a entender sua relevância e significado.

Nessa perspectiva, a prática interdisciplinaridade e a integração de disciplinas, também constituem uma boa iniciativa em prol da Educação Patrimonial, de maneira que essa não se restrinja a uma única disciplina, acreditamos que isso não seria uma necessidade, mas pode ser integrada as diversas áreas do conhecimento humano. Isso ajudará na elaboração de

projetos interdisciplinares, os quais devem envolver várias unidades curriculares, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda do patrimônio, favorecendo ainda, uma participação engajada dos discentes, tornando-os ativos no processo de aprendizagem por meio de atividades práticas, como oficinas de restauração, visitas guiadas, e atividades de preservação.

O engajamento comunitário deve incluir a comunidade do entorno escolar no processo educativo, promovendo um diálogo entre discentes e membros da comunidade sobre a importância do patrimônio cultural, incluindo ainda, o uso de tecnologias e recursos digitais, como aplicativos, realidade aumentada, e plataformas *online* para explorar o patrimônio cultural de maneira interativa e envolvente.

Uma educação experiencial e sensibilização que organizem atividades que proporcionem experiências imersivas, como dramatizações, reconstituições históricas, e visitas a locais patrimoniais, oportunizando a sensibilização dos alunos para a importância do patrimônio, desenvolvendo um senso de responsabilidade e pertencimento.

A orientação para a criação de material didático, no qual se possa desenvolver e utilizar materiais didáticos específicos sobre o patrimônio local, incluindo guias, manuais, e atividades lúdicas, incorporando narrativas e histórias locais no currículo para tornar o aprendizado mais relevante e interessante a avaliação seja contínua e reflexiva que permitam acompanhar o progresso dos alunos e ajustar as atividades conforme necessário. Além de promover a reflexão crítica sobre as atividades realizadas e os conhecimentos adquiridos, incentivando os alunos a pensar sobre a importância do patrimônio e suas responsabilidades em relação a ele.

Finalmente, A metodologia da educação patrimonial é centrada no engajamento ativo, na interdisciplinaridade e na contextualização do patrimônio cultural. Ao combinar teoria e prática, e ao integrar tecnologias modernas com métodos tradicionais, essa abordagem busca não apenas transmitir conhecimento, mas também cultivar uma apreciação profunda e duradoura pelo patrimônio cultural entre os discentes, docentes e demais agentes educacionais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus jogos**: inteligência espacial, vol. 4. - Petrópolis, Vozes, 2006.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico da Educação Patrimonial**. Rio de Janeiro: MUSEU IMPERIAL/DEPROM-IPHAN-MINC, 1999.

IPHAN. Educação Patrimonial. In.: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 5 mai. 2024.

MELO, Iranira Geminiano de; SOUZA, Maria Enísia Soares de; BARBOSA, Xênia de Castro. **Por uma sociologia do pertencimento**. Curitiba: Editora CRV, 2022.

NÓVOA, António. A escola do século XXI. In.: Moderna, **Base Nacional Comum Curricular**: material de referência Pedagógica – Série Por dentro da Base-versão homologada. São Paulo, Editora Moderna 2017.

SANTOS, Avacir Gomes dos et al. **Memórias e reflexões**: o ensino da História e Geografia. Porto Velho: Edufro, 2002.

SIVIERO, Fernando Pascuotte. Educação e patrimônio cultural: uma encruzilhada nas políticas públicas de preservação. **Revista CPC**, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 80–108, 2015. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0i19p80-108. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/90786>. Acesso em: 9 jun. 2024.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2024.

URIBARREN, Maria Sabina. Cultural da Av. Paulista e seu território: conceitos, categorias e instrumentos. In.: **Curso Como definir, reconhecer e preservar um patrimônio cultural?** - São Paulo: Casa das Rosas, 2024.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Ridendo Castigat Mores. - São Paulo: eBook Brasil, 1998.